



## **Internet como Esfera Pública<sup>1</sup>**

Jany Carla Arruda da Silva<sup>2</sup>

Maria Ap<sup>o</sup> Barros Vágula<sup>3</sup>

Laysa Maria Moraes<sup>4</sup>

Josiane Silva dos Santos<sup>5</sup>

Centro Universitário da Grande Dourados (Unigran)

### **Resumo**

Percebendo a necessidade dos meios de comunicação serem reais formas de desenvolvimento do pensamento crítico e estudando a Esfera Pública burguesa, descrita por Habermas, no livro “Mudança Estrutural da Esfera Pública”, objetiva-se neste artigo estabelecer o diálogo entre o que se entende por Esfera Pública e Internet, para então saber se a Internet pode ser considerada uma forma atual de construção crítica do pensamento, ou seja, uma Esfera Pública moderna.

### **Palavras chaves**

Esfera Pública; Internet; Meios de Comunicação; Habermas; Sociedade da Informação.

### **Introdução**

No presente artigo procurou-se compreender quais as características de uma Esfera Pública, tendo por base os estudos realizados por Jürgen Habermas. Considerando a crucial importância dos meios de comunicação de massa na formação da opinião pública, e como sua forma de uso pode interferir diretamente de forma construtiva ou destrutiva na formação cultural e intelectual dos cidadãos, e ainda, a crescente expansão e importância da Internet no mundo todo, muito bem descritas por Manuel Castells, em seu livro “A Sociedade em Rede” – procuramos saber se a Internet

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no III Intercom Júnior – Jornada de Iniciação Científica em Comunicação – Cibercultura e Tecnologias da Comunicação.

<sup>2</sup> Bacharel em Secretariado Executivo Bilíngüe – Português/ Inglês pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, em 2004. Atualmente cursando o 3º semestre de graduação em Comunicação Social no Centro Universitário da Grande Dourados (Unigran). Endereço eletrônico: jany\_carla@yahoo.com.br.

<sup>3</sup> Licenciada em Letras, habilitação Português / Inglês, pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, em 2006. Atualmente, cursando 3º semestre de graduação em Comunicação Social no Centro Universitário da Grande Dourados (Unigran). Endereço eletrônico mari\_pmd@yahoo.com.br.

<sup>4</sup> Cursando 3º semestre de graduação em Comunicação Social no Centro Universitário da Grande Dourados (Unigran). Endereço eletrônico laysa88@hotmail.com.

<sup>5</sup> Cursando 3º semestre de graduação em Comunicação Social no Centro Universitário da Grande Dourados (Unigran). Endereço eletrônico josimju@hotmail.com.



pode ser considerado um meio no qual as pessoas realmente podem interagir e construir o pensamento crítico, assemelhando-se à Esfera Pública burguesa.

Por volta do século XVIII, na Europa, cidadãos se reuniam em cafés e ali travavam discussões de alta qualidade, principalmente ao sistema político e econômico. A esses “encontros culturais” Habermas chamou de Esfera Pública, ou seja, pessoas comuns que em um lugar público se encontravam para conversar sobre suas idéias, divergências, crenças, culturas, etc; e assim, eram capazes de enxergar e crescer com os vários pontos de vista apresentados, desenvolvendo sua capacidade de análise crítica a respeito de assuntos de interesse social. Esse fato foi tão importante, que ali surgiram um dos primeiros impulsos geradores da Revolução Industrial e hegemonia plena do capitalismo.

Sendo assim, percebe-se que o pensamento e capacidade crítica de qualquer pessoa só são desenvolvidos se este tem a oportunidade de obter conhecimento e estabelecer um diálogo de seus conceitos sobre os mais variados assuntos. Como diz o ditado popular: “duas cabeças pensam melhor que uma”.

Nos dias de hoje os grandes meios de comunicação de massa, são as principais fontes de informação da população, portanto, para que seja formada uma real sociedade pensante, é necessário que estes sejam democráticos e desmercadorizados, e assim, responsáveis pela construção de verdadeiras opiniões públicas.

Infelizmente, no contexto contemporâneo Habermas não teria a oportunidade de encontrar e estudar uma esfera pública semelhante à burguesa, pois, quando a burguesia chegou ao poder, por meio do conhecimento e da união, percebeu que não era interessante que este conhecimento fosse compartilhado por todos, pois seria uma ameaça a quem estivesse no poder. Como hoje o poder está diretamente ligado ao capital, ou seja, a classe dominante são os industriais, antigos burgueses, dominadores da tecnologia e do conhecimento, conseqüentemente, do capital; preferem usar dos meios de comunicação de massa para manipular a sociedade conforme seus interesses.

Assim, a maneira como os meios de comunicação em geral levam a informação não faz, realmente, que seus leitores se tornem verdadeiros pensantes dos assuntos abordados. Há, na verdade, uma falta de oportunidade de interação de pensamentos e idéias para o crescimento intelectual, um lugar, espaço e tempo em que as pessoas possam compartilhar suas experiências; em contrapartida, elas não se sentem ouvidas e preferem a acomodação. Hoje temos um meio de comunicação fortemente em ascensão que é a Internet, com seus defensores e opositores, pontos fortes e fracos, que dentre os



demais é o único que permite uma interação maior entre emissor e receptor da mensagem, por vezes, eles até invertem seus papéis.

A Internet poderia, então, ser considerada uma forma moderna de esfera pública?

## **Esfera Pública**

No livro Mudança estrutural da esfera pública, escrito em 1961 por Jurgen Habermas, “esfera pública burguesa pode ser entendida inicialmente como a esfera de pessoas privadas reunidas em um público” (HABERMAS, 2003, p. 42). Essa esfera citada por Habermas surge em meio ao desenvolvimento do capitalismo financeiro e mercantil, desenvolvidas com as feiras, os burgos e o surgimento dos primeiros correios e imprensa.

O crescimento do comércio, o surgimento das companhias e das sociedades por ações, o desenvolvimento cada vez maior do mercado exterior, vão exigindo maiores garantias institucionais, ou seja, no caso, políticas e militares. Paralelamente, temos o desenvolvimento do Estado-nação, que nacionaliza economias antes mais localizadas, e do Estado moderno como centralização política, com administração e exército permanentes: é a consolidação do chamado “poder público”, que aqui, pode ser entendido como maior participação do governo em determinadas empresas.

Com o fortalecimento do Estado, este dirigido pela nobreza, e a burguesia sendo privada de participar efetivamente das decisões tomadas pelo estado, esse cenário tornou-se um campo fértil para o surgimento da esfera pública burguesa. Apesar de estar desprovida de poder político a burguesia começa a estruturar-se culturalmente consumindo cada vez mais informações (imprensa) e literatura, tornando, assim, um público crítico que discute suas preocupações em fóruns informais (cafés, salões literários) buscando influenciar os rumos políticos.

A partir do desenvolvimento do capitalismo moderno tornou-se visível a formação de um novo público capaz de sustentar uma discussão política de caráter crítico, essa mudança foi possível devido à emergência de uma imprensa livre, discussões que floresciam em cafés, salões literários, a alfabetização de grandes quantidades da população e o estímulo à reflexão crítica através de livros e literatura.

Esta nova esfera pública introduz uma nova concepção de participação política e da relação entre estado e sociedade. Ela indica a existência de uma arena onde



cidadãos buscam participação política através do diálogo fundamentado na racionalidade dos argumentos em questão.

Tanto as ruas como a vida política são essencialmente elementos da esfera pública, sendo que seu sentido básico está na pluralidade de idéias e pensamentos, o termo público significa em primeiro lugar, que o que é público pode ser visto e escutado por todos e possui a maior publicidade possível; em segundo, que o termo se refere ao próprio mundo enquanto algo que é comum a todos os seres humanos e se diferencia do lugar privado que cada pessoa ocupa nele.

Contudo, depois de se consolidar no poder a burguesia já não precisa ser crítica e nem sustentar uma esfera pública pensante, ocorre então uma inversão de lugares, começa aí a decadência da esfera pública burguesa, constituindo uma esfera pública manipulada e a formação de uma opinião não pública.

Começa, então, a despontar um novo tipo de indivíduo:

“Destinatário de uma tal esfera pública é o tipo do consumidor político, ao qual Riesman deu o nome de “o novo indiferente”: “ele não é mais nenhum eleitor independente...ele não reconhece mais nenhuma conexão entre as suas opiniões e a sua função política. Suas opiniões servem-lhe, daí, como meios de pagamento sem dinheiro vivo, em seu papel como membro integrante de uma comunidade de consumidores das notícias políticas diárias.” (HABERMAS, 2003, p. 253)

O convívio social não pode ser considerado uma condição humana fundamental. Conviver com outras pessoas é uma necessidade que nos é imposto pelo ciclo biológico da vida que inclui tudo que compartilhamos com outras espécies – comer, dormir, reproduzir, etc. Entretanto, para viver efetivamente com o outro de forma humana deve-se transpor essas necessidades biológicas. Considerando as diferenças existentes entre as pessoas há uma necessidade de interação, já que se nós fôssemos todos idênticos não precisaríamos estabelecer qualquer tipo de comunicação ou agir sobre uma realidade que não varia. É a participação de forma direta e consciente no reino da vida política que torna o “homem” um verdadeiro *Homo sapiens* (latim para homem sábio, homem racional).

Segundo Habermas, neste novo cenário, percebemos um afastamento do público das decisões, transformando a antiga esfera pública em uma nova esfera pública manipulada, que com o crescimento dos novos mídias a partir do século XX, têm seu



espaço ampliado. Ressaltando que agora a imprensa ao invés de intermediar a opinião pública, ela passa a direcionar uma opinião não pública.

Percebe-se, então, que a função das novas mídias é tratar do interesse privado de alguns indivíduos, ou seja, vender um “produto” para aqueles que já foram um público leitor e, agora, não passam de um público consumidor. Os mídias e seus produtos digeríveis e descartáveis tiram uma visão totalizadora do real e mudam a própria forma de comunicação e raciocínio.

Seguindo nesta direção, desenvolvem-se as técnicas de publicidade e de relações públicas, através das quais grandes empresas capitalistas passam a “trabalhar a opinião pública” e têm como tarefa central a construção do consenso e de uma opinião pública encenada. Mas consenso fabricado não é opinião pública. A crítica cede lugar ao conformismo e o consenso passa a ser uma boa vontade conquistada com a publicidade.

Entretanto, é possível que os grandes meios de comunicação de massa, desde que democratizados e desmercadorizados, possam se tornar aliados na efetivação de uma opinião pública ativa e uma autêntica esfera pública, mas para isso é necessário uma maior participação do público na elaboração das mensagens dos mídias. Porém, para que isso seja possível é necessário, também, que esse público adquira informações e conhecimentos em meios mais satisfatórios dos que os meios de comunicações de massa atuais.

Para Habermas, uma verdadeira esfera pública deve manter-se afastada da influência do poder estatal e do interesse capital. Para isso é necessário cultivar uma intensa democratização do Estado e da sociedade, permitindo, assim, uma ampla e consciente participação da população nos debates que tangem os interesses de todos. Ou seja, não basta melhorar as condições de recepção das mensagens, mas também intervir ao nível da produção.

Todavia, para que consigamos chegar a esse nível de democratização dos meios de comunicação é fundamental que o público receptor tenha melhores condições materiais, culturais e educacionais, sobretudo com acesso a uma melhor informação (qualitativa e diversificada), para, assim, formar uma opinião própria, participando efetivamente da formação de opiniões públicas, e até influenciando na produção dos mídias.



## **Internet**

Em uma definição simples, retirada dela mesma, da enciclopédia livre Wikipédia, pode-se dizer que a Internet é um conglomerado mundial de computadores (CMC), ligados em rede, permitidos por um protocolo de Internet que autoriza todo tipo de acesso a informação e troca de dados. Entretanto, ela ultrapassa os limites estáticos de um computador e interfere nas bases do que se entendia e fazia por comunicação até seu surgimento, interferindo diretamente no comportamento e preferências de quem a usa como instrumento de trabalho ou entretenimento “O processo de formação e difusão da internet e das redes de CMC a ela ligadas nos últimos 25 anos moldou de forma definitiva a estrutura dos novos veículos de comunicação na arquitetura da rede, na cultura de seus usuários e nos padrões reais da comunicação” (CASTELLS, 2003, p. 441).

Pode-se dizer que após o surgimento da TV, esta dominou os meios de comunicação de massa. Depois dela, a grande explosão da comunicação veio com a Internet – o meio de comunicação mais difundido e necessário no contexto globalizado em que a sociedade se encontra. Entre outros fatores, essa expansão da internet ocorreu devido ao grande avanço tecnológico e maior acesso das pessoas, das mais variadas classes sociais, às essas novas tecnologias. O alcance da Internet foi viabilizado por vários projetos de inclusão digital no mundo todo. Dificilmente nos dias de hoje, ainda se encontra alguém, principalmente jovem, que não possua e-mail, que não fale horas em chats ou que não faça parte do Orkut, por exemplo! É o que teoriza Manuel Castells “hoje existem milhões de usuários de redes no mundo inteiro, cobrindo todo o espectro da comunicação humana, da política, e da religião ao sexo e à pesquisa – com o comércio eletrônico como atração principal da Internet contemporânea” (CASTELLS, 2003, p. 439).

Os primeiros usuários moldaram o estilo da Internet e os próprios consumidores dela também são produtores. O portal ADSL divulgou uma pesquisa da Web@Work feita pela Websense em setembro de 2006, demonstrando que 64% dos brasileiros preferem acessar a internet a tomar um café no trabalho. O diretor de vendas da Websense para América Latina e Caribe, Adauto de Mello Junior afirma que o aumento no tempo médio de uso da internet por razões pessoais aumentou 2,1 horas por semana se comparado a 2005. Pela pesquisa, 40% passam mais de cinco horas em sites de interesse pessoal, enquanto 10% navegam 10 horas semanais. Os assuntos mais



procurados pelos usuários nacionais são notícias (74%), sites de órgãos do governo e financeiros (56%), acesso ao e-mail pessoal (32%), comércio eletrônico (30%). O estudo foi realizado com 200 empresas com mais de 250 funcionários, entre julho e agosto de 2006, em quatro países da América Latina.

Segundo Castell, essa aldeia global, como por vezes é chamada, reúne todas as formas de comunicação: som (oral), texto (escrita) e imagem (áudio visual), e faz com que as relações humanas se adaptem a uma nova realidade: a interatividade. Por meio de hipertextos e metalinguagem, a comunicação se torna rápida e direta. A Internet acaba expressando a pressa das pessoas, com palavras abreviadas ao máximo, frases soltas e sem acentuação, reforçada pelo turbilhão de informações despejadas todos os dias. Alguns a vêem a linguagem virtual como um retorno à mente tipográfica e a recuperação do discurso racional construído, enquanto para outros a informalidade, espontaneidade e anonimato do meio estimulam uma nova forma de “oralidade” expressa por um meio eletrônico.

Ao contrário da teoria da crítica social de Marcuse e Habermas, Castells defende que completamos tudo o que recebemos da mídia com nosso conhecimento sócio cognitivo cultural. Uma informação só provocará uma mudança intelectual ou comportamental se o indivíduo encontrar nela algo que complete alguma experiência ou idéia prévia, ou que, segundo seus princípios, o acrescente algo “bom”. Por essa linha de raciocínio, pode-se ver a internet com bons olhos, mesmo com todos os “besteiros” nela encontrados, porém, a dúvida está se o povo brasileiro tem a autonomia citada por Castells, capaz de filtrar eficazmente tudo o que vê, lê e ouve de forma saudável “Se as pessoas tiverem algum nível de autonomia para organizar e decidir seu comportamento, as mensagens enviadas pela mídia deverão interagir com seus receptores e, assim, o conceito de mídia de massa refere-se a um sistema tecnológico, não a uma forma de cultura, a cultura de massa.” (CASTELLS, 2003, p. 420).

A educação está explorando enormemente as vantagens da Internet. Desde cursos simples a mestrados e doutorados podem ser feitos com grande parte de sua carga horária pela Internet, quando não total. Jogos interativos e educativos são instrumentos valiosos no desenvolvimento de crianças e podem ser acessados a qualquer momento, alguns até sem custos adicionais. Todo tipo de informação é encontrado na aldeia global. Por isso a preocupação em investimento e difusão de opiniões e fatos sobre os mais variados assuntos, principalmente política e economia, por meio dela. As maiores organizações públicas e privadas reconhecem a força da



comunicação na sociedade, ainda mais, sua significativa interatividade e individualização tecnológica e cultural, por meio da Internet. Quanto à comunicação e conhecimento na Internet, Castells diz o seguinte:

“uma parte considerável das comunicações que acontecem na rede é, em geral, espontânea não-organizada e diversificada em finalidade e adesão. De fato, os interesses comerciais e governamentais são coincidentes quanto ao favorecimento da expansão do uso da rede: quanto maior a diversidade de mensagens e de participantes, mais alta será a massa crítica da rede e mais alto o valor. A coexistência de vários interesses e culturas na rede tomou a forma de World Wide Web – WWW (Rede de alcance mundial), uma rede flexível formada por redes dentro da internet, onde as instituições, empresas, associações e pessoas físicas criam os próprios sítios (sites). Que servem de base para que todos os indivíduos com acesso possam produzir sua homepage, feita de colagens variadas de textos e imagens. A Web proporciona agrupamento de interesses e projetos na Rede, superando a busca caótica e demorada da internet pré WWW. Com base nesses agrupamentos, pessoas físicas e organizações eram capazes de interagir de forma expressiva no que se tornou literalmente, uma Teia de Alcance Mundial para comunicação individualizada, interativa. O preço a pagar por uma participação tão diversa e difundida é deixar que a comunicação espontânea e informal prospere simultaneamente. A comercialização do espaço cibernético estará mais próxima da experiência histórica das ruas comerciais emergentes da palpitante cultura urbana que dos shoppings centers espalhados na monotonia dos subúrbios anônimos.”(CASTELLS, 2003, p.439)

Ainda nesse raciocínio ele afirma que a informalidade, a capacidade autorreguladora da comunicação e a idéia de que muitos contribuem para muitos, mas cada um tem a própria voz e espera uma resposta individualizada na Internet veio do fato dela ter se originado e expandido no meio de universitários que a usavam como hobby. Desses fatores derivam suas características principais: penetrabilidade, descentralização multifacetada e flexibilidade.

Pela Internet as pessoas criam pseudônimos, personalidades, idealizam e apresentam características, muitas vezes não verídicas. Alguns teóricos dizem até que se trata de uma fuga da realidade, uma forma de ser reparado como “bom” dentre as várias “pessoas” que encontramos na rede virtual. É como se houvesse uma desumanização em detrimento às relações inter-pessoais. Segundo estudos isso ajuda a alimentar sentimentos de solidão, alienação e do câncer do século XXI: a depressão. Sobre esse assunto, Costells coloca de maneira diferente, presumindo-se que se trata, na verdade, de uma virtualização do real, não o contrário, citando Sherry Turkle “a noção do real





contra ataca, quem vive vidas paralelas na tela estão, não obstante, ligados pelos desejos, pela dor e pela mortalidade de suas personagens físicas. As comunidades virtuais oferecem um contexto novo e impressionante, no qual faz pensar sobre a identidade humana na era da Internet” (CASTELLS, 2003, p. 433).

Em um viés positivo da comunicação virtual, Castells ressalta que o fato de não haver a presença física do interlocutor as discussões tendem a ser mais desinibidas e, conseqüentemente, mais sinceras – as enquetes, por exemplo, são formas de expressão da opinião coletiva sobre assuntos de interesse público. Howard Rheingold, defendia que a internet cria sim uma comunidade virtual entre pessoas de valores e interesses comuns; já William Mitchell via emergindo online novas formas de sociabilidade e de vida urbana, adaptadas ao novo meio tecnológico.

Todas tribos e raças, pensamentos e culturas estão representadas na Internet e podem escancarar sua identidade, características e objetivos. Castells cita exemplos em que a Internet é usada como forma democrática do cidadão ativar a sua voz, alcançando conquistas e melhorias em questões sociais e de direito; ou seja, as pessoas acabam por moldar as tecnologias para adaptá-las as suas necessidades “ela vem sendo usada de forma diferente para diversas finalidades. Ela não substitui nenhum meio de comunicação já existente, pelo contrario, reforça os padrões sociais já existentes.” (CASTELLS, 2003, p. 449).

### **Internet como Esfera Pública**

Analisando os meios de comunicação de massa atuais, percebe-se que com o avanço tecnológico, a Internet se tornou uma febre e necessidade. Usada tanto para o trabalho, quanto para o entretenimento, ela possibilita a seus navegantes uma quase infinita variedade de informações, e o mais importante, que ele interaja imediatamente com as diversas opiniões e apresentem as suas.

Percebe-se o grande afastamento do público nas decisões de importância coletiva, o povo e suas opiniões só são mobilizados esporadicamente e por um curto período de tempo, a exemplo, temos as campanhas eleitorais, instante em que é exaltado o direito de cidadania da população, porém, o que se percebe é um jogo de interesses em que não há democracia nem política, mas sim, na maioria das vezes, manipulação e politicagem. Os meios de comunicação que deveriam informar com imparcialidade, acabam por simplesmente transmitir propagandas.



Neste contexto, a Internet é uma das grandes responsáveis pela globalização das informações, estimulando, portanto, o crescimento de pequenas esferas públicas das mais variadas organizações civis. Assim, ela é a que mais se aproxima da Esfera Pública burguesa, sendo um instrumento muito útil para viabilizar uma comunicação democrática, ampla e de massas. Suas ferramentas possibilitam a quebra das fronteiras geográficas e temporais, é possível conversar e saber sobre a cultura de praticamente, todos os povos do planeta. E ainda, emitir opiniões e conceitos sobre elas. Por ela é possível difundir essas pequenas esferas públicas existentes.

Por exemplo, grandes Universidades e organizações realizam chats sobre os mais diversos assuntos, facilitando a troca de idéias e discussões, a fim de construir opiniões sólidas e embasadas.

Por outro lado, não podemos deixar de considerar, pelo fato de sua amplitude e fácil acesso, os pontos negativos, visto que, qualquer pessoa pode escrever o que quiser, muitas vezes, sem base confiável ou caráter construtivo. Sem contar a facilidade de fraudes e crimes que podem ser cometidos por meio dela. A linguagem utilizada também é causa de preocupação de alguns estudiosos, alguns a defendem, outros condenam.

Desta forma, a grande chave é a intenção e modo como é usada. Ela tem todos os instrumentos favoráveis para produção e difusão do conhecimento, a fim de levar seus interlocutores a uma reflexão externa e interna. Depende da escolha de cada um, vê-la como forma de crescer intelectualmente, ou apenas como entretenimento rápido, fácil e barato.

### **Considerações finais**

Após as leituras, análises e discussões, chega-se ao consenso que a Internet pode sim ser considerada semelhante à Esfera Pública de Habermas, dependendo de como é utilizada.

Por suas características de penetrabilidade, descentralização multifacetada e flexibilidade, o internauta é que escolhe por quais caminhos navegará e o que colocará nela de útil à construção da opinião pública e crítica.



## Referências Bibliográficas

HABERMAS, Jürgen. **Mudança estrutural da Esfera Pública**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2003.

CASTELLS, Manuel. **A Sociedade em rede**. 7<sup>o</sup> ed. São Paulo: Paz e terra: 2003.

JOVCHELOVITCH, Sandra. **Representações sociais e esfera pública: a construção simbólica dos espaços públicos no Brasil**. Petrópolis: vozes, 2000.

[www.wikipedia.org/wiki/Internet](http://www.wikipedia.org/wiki/Internet). Acessado em 25/05/07, Acessado em 10/06/07, às 23:45 horas.

<http://www.eca.usp.br/alaic/Congreso1999/3gt/Jorge%20Almeida.rtf> . Acessado em 02/06/07, às 14:00 horas.